

UMA REFLEXÃO HISTÓRICA DO PATRIOTISMO EM DANIEL VARUJAN

YÊDA CAMARGO¹

I. INTRODUÇÃO

Escrever sobre Daniel Varujan² é estabelecer um vínculo com o Genocídio Armênio, ocorrido em 24 de abril de 1915. Esta tangência, extremamente estreita com o massacre dos armênios promovido pelos turcos, fez Varujan sentir dia a dia a punjância dos procedimentos violentos dos turcos em sua terra armênia, para com seus familiares, amigos, parentes e, devido à sua atividade intelectual, pagou, também, com sua vida.

Great poet of the Western Armênia, author of lyric and epic poems, such as *The heart of the race*, *Pagan Songs*, *Songs of Bread* and others. He was arrested, among many others on April 24, 1915 and then killed on August 26, 1915³.

De acordo com Giovanna CRESTANI, jornalista da Revista *Vida Pastorali*, da Itália, Daniel Varujan foi citado pelo Papa da Armênia:

..capace di unire e coprire insieme Oriente e Occidente e la cui trama e ordito sono dati dal sentimento d'amore per la propria Terra, dal profondo senso religioso, dall'attaccamento ai valori familiari, al sogno per un futuro di pace e prosperità per la propria gente, Giovanni Paolo II há ricordato Daniel Varujan (1884-1915) e lê sue poesie ricche di immagini vive e penetranti, ma soprattutto capaci di toccare in profondità anche ognuno di noi⁴.

Como maior figura da literatura Armênia da Diáspora, Varujan vive em uma época muito agitada, em primeiro lugar, pelo intenso movimento literário e, em segundo, pelos motins de libertação, os quais necessitavam de um poeta na retaguarda, que representasse o

¹ Doutora em Filologia e Língua Portuguesa, Mestre em Lingüística e Semiótica Geral e Professora de Cultura Armênia e Literatura Armênia do Departamento de Línguas Orientais da Universidade de São Paulo.

² Segundo KEROUZIAN (s.d.:21), Varujan nasceu em Bergnik, subúrbio de Sebaste (na Armênia Ocidental), numa época de deportações e matanças. Seu pai fora aprisionado, então, ele vai estudar no Liceu Armênio Moorat-Raphael, em Veneza. Lá, cursa seus estudos secundários. Na Universidade de Gand, na Bélgica, forma-se em Letras e Ciências Sociais.

³ Encontra-se tal exposição em www.ArmenianHistory.info. *Grande poeta da Armênia Ocidental, autor de poemas líricos e épicos, tais como: O coração da raça, Músicas pagãs, Músicas do Pão e outras. Ele foi preso, entre muitos outros em 24 de abril de 1915 e, então, morreu em 26 de agosto de 1915.*

⁴ "... capaz de unir e abranger Oriente e Ocidente e, com a sua trama e exatidão que são oferecidos pelo sentimento de amor pela própria Terra, dado seu profundo senso religioso, dado seu apego aos valores familiares, ao sonho por um futuro de paz e prosperidade pelas próprias pessoas, Giovanni Paolo II recorda Daniel Varujan (1884-1915) e as suas poesias ricas em imagens vivas e penetrantes, mas, sobretudo, capazes de tocar profundamente todos nós.

povo armênio, que exaltasse a Pátria Armênia e, que sentisse - realmente “na pele” - os insultos do povo turco, frente a todos que manifestassem, pela sua expressão verbal ou escrita, as representações de vida, de luta, da capacidade de sobrevivência, tão presentes, por tantos séculos nos armênios.

Na Rivista telematica di studi sulla memori femminile, Antonia Arslan⁵ menciona que “... Daniel Varujan, il capofila di um’intera generazione di intellettuali che cade tra le prime vittime del genocídio, próprio nella notte del 24 aprile 1915, a Costantinopoli⁶.”

Há informações contraditórias quanto ao seu fim, pois em alguns livros encontra-se que ele foi um dos primeiros a ser morto pelos turcos; outras fontes dizem que ele foi um dos primeiros a ser resgatado pelos turcos, entretanto, ele morre em agosto do mesmo ano, numa região vizinha, sem comida e sem água.

De qualquer forma, este fato é mencionado devido a muitas de suas obras serem publicadas postumamente, com dados referentes ao período de deportações e de decapitações. É indiscutível, portanto, o valor de seus poemas.

Para tanto, neste estudo, quatro poemas foram contemplados, para uma análise, baseada na intuição do leitor, centrada no patriotismo que exalava de seu coração, de sua mente, de suas mãos, de sua história. São eles: **“Eis o livro”**; **“Dedicatória”**; **“Alma Pátria”**; **“Lâmpada mortíça”**.

Faz-se necessário salientar o teor deste estudo, salvaguardado por Dámaso Alonso⁷, *apud* MARTINS (1997:8-9) pela escolha de “olhar” os poemas movendo-se pela intuição criadora do autor e pela intuição atualizadora do leitor. Assim sendo, observa-se que “... *toda obra literária encerra um mistério e sua compreensão depende basicamente da intuição, podendo-se, entretanto, estudar cientificamente os elementos significativos presentes na linguagem*”.

2. EIS O LIVRO

Eis o livro que te prometi...!
Se nele descobrires

⁵ Antonia Arslan é docente de literatura italiana moderna e contemporânea na Università di Padova. Pioneira em estudos de literatura feminina italiana.

⁶ “... Daniel Varujan, precursor de uma inteira geração de intelectuais que está entre as primeiras vítimas do genocídio, exatamente na noite de 24 de abril de 1915, em Constantinopla.”

⁷ Poeta, filólogo e lingüista espanhol. Autor de *Poesia espanhola*.

o insondável sonho dos séculos,
belas sacerdotisas servidoras de Baco⁸
bailando nas colinas,
ao clarão do luar...
e deuses que reclamam o coração de Homero⁹
a imolar-se ainda,
ou a Messalina de olhos fulgurantes
velando com uma túnica vermelha,
à guisa de mortalha,
restos de cavaleiros que morreram de amor;

quando ali encontrares
as noites de Pompéia¹⁰,
romãs que amadurecem à borda do vulcão,
e o século presente, qual Jesus maltratado,
sofrendo para dar à luz novo arrebol;

quando encontrares nos corações,
a apagar-se como lâmpadas,
combates de armas brancas,
e o homem com o crime, pérfido e manifesto,
aflorando da lama
que bebe o sangue das cândidas rosas,

então, amigo, pensa
que o meu canto vem narrando
as dores do prazer na volúpia das dores...
que o coração é um cálix,
que, ao encher-se de vinho,
o transmuda no sangue sagrado dos deuses.

Sabe bem que ninguém jamais pôde reter nas mãos
as rédeas de meu Pégaso de pupilas de sol,
nem tampouco o sóbrio crocitar dos corvos
lhe pôde interromper o galope sem freios.

Reflete em como é míope o crítico
e eunucos os prudentes moralistas.

Quem poderá esmar um coração ferido

⁸ Baco é considerado o deus romano do vinho.

⁹ Homero foi um poeta épico grego, considerado autor da Ilíada e da Odisséia, e cuja existência problemática foi cercada de lendas desde o séc. VI a.C. Heródoto considera-o como um grego da Ásia Menor que viveu cerca de 850 a.C. A tradição representa-o como velho e cego, vagando de cidade em cidade e declamando seus versos. Suas obras, recitadas nas festas solenes e ensinadas às crianças, exerceram profunda influência sobre filósofos, escritores e até sobre a educação, segundo Koogan & Houaiss (1995:1258).

¹⁰ Pompéia era um lugar de recreio para os romanos ricos.

depositado na balança ante o universo?
Só pode conhecer o sonho transbordante
o ébrio da lia e do incenso da vida!
o homem plasmado de luz e de barro,
o homem purificado pelas lágrimas!

Buscar a Pátria Armênia, neste poema, é encher-se de amor, o amor que se transfere do autor para o leitor. É estabelecer elos com a natureza, salientadas pelas colinas. A Armênia é formada por mesetas¹¹, que foram refúgios dos armênios em tempos de guerra, de matanças, de invasões. É voltar ao tempo em que a Armênia era pagã e adorava os deuses (do fogo, do mar, da guerra, etc.), feitos pelas mãos dos homens, mas idolatrado e evocados nos momentos de aflição, de compartilhamento, de devoção, de auxílio¹². Foi somente em 301, quando é estabelecido o Cristianismo como religião oficial da Armênia¹³, que os templos pagãos foram destruídos, queimados e, em seu lugar, foram construídas igrejas católicas armênias, estabelecendo-se, portanto, um papa armênio.

NERCESSIAN (1969:75) afirma:

Na história da conversão da armênia, por Agatângelo, que relata a destruição de todos os templos pagãos, estas divindades aparecem sob as formas locais armênias dos seus nomes iranianos, mas na História de Moisés de Khoren encontramos os equivalentes gregos: Aramazd = Zeus; Mihr = Efesto; Anahit = Ártemis; Vahagn = Heracles; Astghik = Afrodit; Tir = Apolo e Nané = Atena; somente Barshamin reteve a forma original de seu

¹¹ Planaltos achatados.

¹² Em 301, uma comitiva real armênia, liderada por Trdat, parou em Eriza, com o objetivo de prestar homenagem à deusa Anahit e oferecer-lhe sacrifícios. Grigor (São Gregório) deveria levar coroas de flores a ramos de tulipas ao templo de Anahit (deusa, comparada a Artemis), mas ele se recusou a participar dos sacrifícios, e se negou a render homenagens à adorada divindade pagã. O rei ficou furioso e lhe disse: 'Sabes que não foi útil todos os serviços que me prestastes? Se não te decides a adorar as divindades, especialmente a essa grande senhora Anahit, que é a glória e o sustento de nossa raça humana, a quem todos os reis, particularmente, o rei dos gregos rende honras?. E que é mãe de cabal sabedoria, benfeitora de toda a humanidade e que tem dado vida ao grande valente Aramazd...Desprezas a grande Anahit, que sustenta e dá vida à terra Armênia, e com ele os outros deuses, a que chamaste mudos e alentos? Tu, és estrangeiro e desconhecido entre nós, como tu te atreves, pois, a adorar a um Deus que eu não adoro?' Grigor responde-lhe: 'A nobre dama Anahit, a quem tu chama a Grande Deusa e a quem os homens construíram templos e estátuas para adorá-la, não é mais que uma figura e as figuras não têm vida, não castigam quem as ultrajam. Essas divindades que tu falas e chama Deusas, são ídolos criados pelos homens e esculpidos por mãos habilidosas de mestres. Somente um espírito cego pode adorar aos deuses que vós honrarás'. Estas palavras encolerizam o rei e levam a Grigor a submeter-se às famosas doze torturas, atando-lhe pés e mãos e sendo jogado na prisão subterrânea de Khor-Virap (Poço profundo).

¹³ A Armênia é primeiro país do mundo a aceitar o Cristianismo como religião oficial em 301. A introdução do Cristianismo é gerada, entre o povo, por meio de uma lenda em que o rei Trdat é curado por Grigor, quando acometido por uma doença, chamada licantropia (o homem pensa ser um lobo). A causa desta doença foi pelo fato de o rei ter mandado matar 70 virgens, que estavam chegando da Europa, refugiadas. Ele se encantou por Hripsimé, pediu-a em casamento, mas ela negou. Então, ele mandou matá-la juntamente com as demais. Ficou doente. Por sonhos seus ou de sua irmã (as informações são desencontradas), havia a mensagem de que a única pessoa que poderia curá-lo era Grigor. Este estava no fosso. Ele foi retirado de lá, após 13 anos, rezou pela vida do rei, pedindo a Jesus Cristo e, para o bem na Armênia, o rei foi curado. A partir desse momento, ele impõe a religião oficial na Armênia: o Cristianismo.

nome. Isto é a razão do sincretismo que teve lugar noutras regiões do Próximo Oriente, ostensivamente no período helenístico, ainda que os primeiros nomes se mantivessem e aparecessem nos escritos armênios com mais freqüência que os seus equivalentes gregos.

A religião cristã, “qual Jesus maltratado”, está intimamente ligada à língua armênia¹⁴, pois após a introdução do Cristianismo em 301, o alfabeto armênio foi criado, em 403. Assim, a igreja foi um dos principais baluartes do nacionalismo armênio, muito citado por Varujan em suas poesias.

Markwart, filólogo alemão, versado em estudos asiáticos, criou, em 1920, a cadeira de Estudos Iranianos e Armênios na Universidade de Berlim, mencionou, *apud* KEROUZIAN (1970:7):

A descoberta do alfabeto armênio apresenta grande significado histórico-cultural como meio de preservação do sentimento nacional, mostrando-se capaz de conservar a fisionomia da nação nas épocas em que a Armênia perdeu a soberania para salvá-la da degeneração.

Nesse aspecto, quando Varujan cita a religião, seja ela pagã, seja ela cristã, quer dizer, nação que evolui, a partir da educação helenística, marcada pela menção de Homero; pelas tentativas de parcerias com a Europa, menção de Baco e da região de Pompéia.

Ele não deixa de metaforicamente lembrar a pátria Armênia quando registra “o insondável sonho dos séculos”, pois isto faz o armênio rememorar as constantes lutas do povo armênio para fazer sobreviver suas terras e, mais que tudo, ser uma nação livre, liberta. Insiste nessa trajetória quando relembra messalinas, as quais cuidam de cavaleiros que morreram de amor pela pátria, que outros sofrem por acreditar que terão “luz ao arrebol”. A Armênia, em a.C., tinha uma extensão territorial de 300.000km²; hoje, nem 10% disso: 29.800km². As diversas invasões de árabes, turcos, mongóis fizeram-na perder pessoas e terras, violentamente. Mas ninguém “poderá esmar um coração ferido, depositado na balança ante o Universo?” Mas poderá conhecer o incenso da vida, que é o homem plasmado de luz, de esperanças, e de barro (relembra figuras construídas pelo homem), o homem purificado pela tristeza de ver uma pátria perdendo-se pelo tempo.

E, assim, MARTINS (1997:19) refere-se aos desvios da linguagem comum que tornam a linguagem da poesia mais elevada, e enfatiza especialmente o valor da metáfora:

É importante saber empregar a propósito cada uma das expressões por nós assinaladas, nomes e glosas; maior todavia é a importância do estilo metafórico, Isto só, e que não é possível tomar de outrem, constitui a característica dum rico engenho, pois descobrir metáforas apropriadas equivale a ser capaz de perceber as relações.

3. DEDICATÓRIA

Cantei glórias com caneta de cálamo¹⁵
para ti, pátria minha.
O cálamo vinha da selva de choupos,
para ti, pátria antiga.
Cantei druidas com caneta de cálamo;
saía luz do oco do cálamo.

Cantei saudades com caneta de cálamo
para vós, emigrantes armênios.
O Cálamo vinha de longa distância
para vós, emigrantes aflitos.
Cantei noivados com caneta de cálamo;
saíam ais do oco do cálamo.

Cantei sangue com caneta de cálamo
para vós, mártires de ferro.
O Cálamo brotou das cinzas quentes
para vós mártires de fogo.
Cantei feridas com caneta de cálamo;
saía meu coração do oco do cálamo.

Órfã cantei minha casa com caneta de cálamo
para ti, pai velho.
O Cálamo vinha de nossa fonte, ora seca,
para ti, mãe dolorosa.
Cantei meu lar com caneta de cálamo;
saía fumaça do oco de cálamo.

E cantei luta, luta e mais luta,
para vós, heróis armênios.
Minha caneta serviu de inflamar as almas,
para vós, heróis intrépidos.
Cantei a luta com caneta de cálamo;
Saíam chamas do oco do cálamo.

¹⁵ Cana de que os antigos se serviam para escrever. Caule duro e escuro de certas plantas.

Este poema é uma dedicatória evidenciada não apenas pelo título, mas também pela forma de enaltecer a Armênia. A forma “Cantei” é um louvar glórias, é um recordar saudosamente, é um sofrer pelo sangue derramado, é um lembrar sua própria casa, é uma insistência na luta pela sobrevivência de sua terra. Ele registra esse sentimento com a caneta que vinha de suas árvores. O instrumento “caneta de cálamo” é a presença da natureza, de sua Armênia, “pátria minha”, “pátria antiga”, em suas mãos. A marca da posse na menção de “minha pátria” carrega o amor, a luz que dele se manifesta.

O dedicar algo a alguém, faz Varujan destinar à Armênia seus primeiros versos, à Armênia milenar, onde, pela tradição oral, diz-se que a arca de Noé parou nas terras de Ararat.

Ele “canta” saudade ao enaltecer os “emigrantes armênios”, que lutaram pela pátria, “aflitos” pelas dores encontradas no caminho. Ele, ainda, canta o sangue presente nos “mártires de ferro”, nos “mártires de fogo”, cujo sentimento de luta gerava dores, provocando “feridas”.

Já, sem pais, cantou seu lar já sem vida, de uma “fonte seca”, não se esquecendo de contemplar o “pai velho”, a “mãe dolorosa”, pelas angústias que simbolicamente “fumaças” o representava.

Finalmente, cantou toda a luta para os “heróis intrépidos armênios”, que as glórias, saudades, sangue, lar luta se transmuda em fumaças e, agora, em chamas que saem do oco do cálamo, vindos da terra Armênia, como manifestação de furor, do inflamar sentimento vivo armênio.

O cálamo é o instrumento da terra que provém de “cinzas quentes”, queimadas em chão armênio, que composto servia de mecanismo para as diversas manifestações literárias ou não e, decomposto, lembrava o desvanecer resumido a cinzas.

4. ALMA PÁTRIA

Quando virás?
Quando, das entranhas da terra,
fartas de sol,
vão explodir para o céu as chamas de teu hálito?
De qual rubra estrela de nossa pátria
virás tu
a inflamar o povo,
cujo coração e cujas veias

os séculos esvaziaram
do sangue armênio?
Nos vales e montanhas
ossos das nossas gerações
nutrem lobos famintos.

Deusa das águas,
deusa do fogo
da terra armênia!
Da terra que fizeste
berço da humanidade,
devastada agora por hordas sangrentas,
brota sangue!
dor!

Cegonhas montam guarda
às ruínas das cidades.
É de peçonha e espinhos
a terra onde rojam serpes.
Nada protege os vinhedos;
nossos cântaros não guardam
vinhos de cepa.
Sem pasto, os nossos veados
quebram os galhos contra ruínas.
Teus filhos, infelizes,
perdem-se longe da terra pátria,
no caldeamento da emigração
E na terra natal vão-se extinguindo
escravizados,
degenerados
e fraticidas,
dóceis às ordens dos invasores.

Ressumam sangue os nossos campos;
são destruídos os monumentos
já incapazes de reacender em nossa gente
o orgulho armênio.

Vem cá, vem!
É a hora, vem!
Filhos de tua raça,
de alma forjada nas lutas,
te acolherão com sangue, com rosas, com tulipas.
A alma dos heróis,
a alma dos mártires
do cimo do Ararat
sopra alento nos amedrontados.
Embebe-os do sangue

que recolheste gota a gota
nas pegadas dos nossos guerreiros.
Em cada berço se erguem almas
de Vardan,
de Arshak;
revive em cada armênio um ancestral!
Amamenta-os com leite
de teu sagrado seio,
com um novo vigor, novo rosto, alma nova.

ALMA MATER!

Que sob o teu amparo
se aqueça o nosso chão.
No alarido de nossos guerreiros
voltem as primaveras e os florais de antanho.
Que voem águias nos céus da pátria,
que leões e tigres amamentem
os nossos pequeninos
é o ulular dos vendavais,
qual sussurro dos bardos de Goghten,
se convertam em estro
dos poetas da terra armênia
em canções inflamadas
ao troar dos raios.

Com o cheiro de sangue se inebriem,
no arrebol da manhã,
o operário e o lavrador
a caminho dos campos devastados.

Que a brisa de teu hálito e o lume de teus olhos,
como surto primaveral de nossas casas,
perpasse de lar em lar,
de cabana em cabana,
e se levantem homens e mães,
erga-se o velho,
erga-se o moço,
inebriados todos de amor da pátria,
da alma pátria;
que se ergam fumeando
para mudar os cinérios lares
da terra armênia

num vulcão,
hoje!

O poeta Varujan, em “Alma Pátria”, preocupa-se, inicialmente com os invasores, que inflamaram e sempre o poderão inflamar o povo armênio, em que o coração e veias estão sem sangue, devido às bárbaries ocorridas em séculos passados. Por este motivo, os ossos dos armênios mortos estavam em vales e montanhas à espera de lobos famintos¹⁶.

Há a referência dos deuses, como citado à p.5, lembrando a época do paganismo, referenciando-se aos deuses como se fossem da Armênia, que é considerada o berço da humanidade, devido às suas origens ligadas a Noé, filho de Jafé, mas que se vê devastada por povos sanguinários, deixando apenas ruínas, cuja marca foi a dor e o sangue. A plantação também é destruída, em especial os vinhedos¹⁷. Quanto aos pastos, estes foram devastados e os animais são obrigados a enfrentar as ruínas¹⁸.

Devido às calamitosas situações de constantes destruições, os armênios freqüentemente emigram para outras cidades: é a famosa Diáspora armênia, em que no poema, Varujan cita os filhos que se vêem infelizes, perdendo-se distantes da terra pátria, pela necessidade de emigrar. Se não saíssem de suas terras, seriam escravizados e exterminados.

Quanto aos monumentos, estes são destruídos. Esta destruição é para que se apague o orgulho armênio nas construções que simbolizavam a trajetória histórica do povo armênio.

O poeta tem a necessidade de falar dos “filhos de tua raça”, da “alma dos heróis”, da “alma dos mártires”, que serão recebidos com sangue, com rosas e tulipas¹⁹.

Para o Armênio, o Ararat é o monte sagrado, sempre lembrado, embora hoje esteja em terras turcas, pertencia às terras armênias antes da invasão desse povo, assim como se recorda dos ancestrais. O amamentar com o leite lembra um dos cantos de Goghten: Sanatruk.

¹⁶ A tradição oral da literatura armênia está registrada em forma dos Cantos de Goghten, totalizando 25, sendo 6 lendas e, os restantes são cantos transmitidos de geração a geração, nas regiões férteis da Armênia, junto aos Lagos, de cunho épico, histórico e humorístico. Em a.C., três lagos compreendiam o território armênio. A saber: Van, Sevan e Urmia. Os povos que moravam junto aos lagos eram mais felizes, pois estavam numa região fértil. Lá, havia alimento. Os armênios cantavam os feitos dos heróis de antigamente. O último canto, os armênios o designaram como “humorístico” porque trata dos invasores como se fossem animais. É comum encontrar o tratamento dado a um invasor representado por um animal.

¹⁷ Nos cantões de Gogh, região fértil, por isso o nome Cantos de Goghten, havia plantação de uvas. A Armênia é famosa pelas diversas espécies de uvas e pelos vinhos especiais, de sabor incomparável. No interior de São Paulo foram plantadas as sementes de uvas, há cerca de 2 anos, para que se tenha a produção de uva armênia aqui.

¹⁸ Como a Armênia fica numa região montanhosa, os planaltos serviram sempre ao armênio como local de refúgio dos invasores. Havia, nas mesetas, duas entradas: uma para os armênios; outra, para os animais.

¹⁹ As tulipas são as flores que Trdat solicita a Grigor que faça homenagens a um monumento pagão.

De acordo com CAMARGO (1997:109-110), a lenda de Sanatruk²⁰, transmitida de geração a geração, por meio de cantos é esta:

Num dia de tempestade e neve, quando criança de colo, viajava com sua mãe e ama-de-leite, atravessando as passagens das montanhas de Korduk (Corduena), no sul do país. Por três dias, a ama-de-leite, com ele no colo, ficou enterrada sob a neve, até que deuses enviam-lhe uma fera estranha, de cor branca, que os salva.

A análise sugerida é a de o historiador narra que a fera estranha era um cão branco que junto a homens do grupo de salvação estavam à buca da criança, a mando da corte.

Quando o poeta menciona “ALMA MÃE”, é como se ele dissesse tudo aquilo que representa a Armênia, como a mais fiel representação de um armênio à sua pátria, esperando que sob sua proteção se aqueça o chão para que retornem as flores, para que os animais voltem a voar nos céus da pátria tão destruída, tão invadida, ao fundo dos Cantos de Goghten²¹. Mas... a esperança de que todos os armênios (jovens, idosos; mães e homens) se renovem e vibrem pela terra Armênia que renasce hoje pela transformação em que se acredita.

5. LÂMPADA MORTIÇA

É a noite festiva da vitória!
- Nora minha, deita óleo na lâmpada.

Meu filho torna vencedor, da guerra!
- Nora minha, espevita-me a torcida.

Parou um carro à porta, junto ao poço!
- Nora minha, põe lume nessa lâmpada.

Eis meu filho de volta, glorioso!
- Nora minha, vem cá, traze-me a lâmpada.

²⁰ Sanatruk é de filiação desconhecida. A tradição atribui-lhe o martírio do apóstolo Tadeu e da própria filha, Sandukht. Foi rei da Armênia entre os anos de 75 a 110. Contudo, recebe expressões elogiosas por parte de historiadores estrangeiros, quanto à sua ação militar, rigor na justiça, físico bem cuidado e quanto ao seu comportamento, levando-o à comparação do melhor grego ou romano. Construiu a cidade de Níbisis, ao norte da Mesopotâmia, erguendo sua estátua. Também foi esculpida, na mão dessa estátua, a única peça de dinheiro que lhe sobrara do tesouro público.

²¹ Primeiro registro da literatura, com manifestação oral armênia, composto por lendas e fragmentos da história, feitos dos heróis, de uma cultura transmitida de geração a geração.

Mas a carga do carro é luto e sangue!
- Nora minha, aproxima aqui a lâmpada.

Meu bravo filho morto... o peito aberto!
- Nora minha, depressa, apaga a lâmpada.

A lembrança de comemorar uma vitória do homem que sai à luta pela sua pátria, faz do armênio um guerreiro constante, seja na vida ou na morte.

A narrativa dos fatos que fazem a espera do reencontro de um vencedor não desmerece a morte, a quem espera pela vida, pela auge de uma luz, marcada pela chama de uma lâmpada.

A família, para o armênio, é a união da religião, da língua à terra, pelas glórias da luta em guerras. A expectativa é presente no cerne do armênio que, infelizmente, não transmite, em seus poemas, alegria, mas morte e mais mortes. As diversas invasões de povos diversos na Armênia fizeram de intelectuais, nos séculos, um registro vivo das diversas atrocidades vividas pelo armênio em prol de sua nação. A luz que irá brilhar, pela lâmpada, a luz que se apaga diante da morte.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Partiu-se do pressuposto que a análise dos quatro poemas de Varujan, com visão para o patriotismo que vaza da alma do poeta, encaminhar-se-iam pelo processo da leitura que reproduz a intuição totalizadora, a qual deu origem às obras escolhidas, ou seja, à percepção da intuição do autor. Esta leitura, que tem como objetivo o prazer, é o fundamento das outras espécies de conhecimento.

Desta forma, o conhecimento específico aqui tratado, no que se refere ao patriotismo enraizado em Varujan, este norteia os seus escritos, direcionados ora pela luta do povo armênio; ora pelas dores incessantes ocasionadas pelas invasões de povos diversos na Armênia; ora pela lembrança dos heróis; ora pela natureza (flora e fauna) mescladas como mecanismos de interferência na vida do armênio, ora pela necessidade de expor todo o sofrimento de um povo que viveu as adversidades de ser cristão entre muçulmanos, de ter

uma língua própria e não se deixar submeter a imposições lingüísticas; ora pela briga constante em defender bravamente seu território e suas divisas.

Portanto, lembrar Aristóteles, segundo MARTINS (1997:19) é fundamental, pois ele trata da conceituação da poesia como imitação da realidade (mimese)

E, assim, Varujan constantemente revisa a nossa memória com as invasões que levaram desgraças, mortes à Armênia, apenas dando um triunfo, em especial, pelas dores das perdas dos que defenderam as terras armênias: os armênios mortos.

Mas... como diz Burmaian, *apud* Toynbee & Bryce (2003: 15):

Os armênios não vivem de ódios. Não desejam levar aos tribunais os descendentes dos autores daqueles crimes, não pleiteiam reparações aos danos morais e materiais sofridos, mas não renunciam ao direito de exigir o reconhecimento pelo governo turco das violências de que foram vítimas seus antepassados. Depois, poderão até perdoar, mas certamente esquecerão seus mortos”.

Bibliografia

CAMARGO, Y.M. A importância dos Cantos de Goghten para a Cultura Armênia. in: *Revista de Estudos Orientais*. no.1, 1997, p.105-122.

KEROUZIAN, Y. O. *A nova poesia Armênia*. no.8. Série Armênia. Patrocinador Dr. Varujan Burmaian. s.d.

_____. *Origens do alfabeto armênio*. Série Armênia no.3., [s.d.]

KOOGAN & HOUAISS. *Enciclopédia e Dicionário Ilustrado*. Edições Delta. Rio de Janeiro, 1995.

MARTINS, N. S. *Introdução à estilística*. 2ª. ed. ver. e aum. São Paulo: T.A. Queiroz, 1997.

NERCESSIAN, S. der. *Os armênios*. Lisboa: Editorial Verbo. 36º. Vol., 1973.

TOYBEE, A. & BRYCE, L. J. *Atrocidades turcas na Armênia*. São Paulo: Paz e Terra. 2003.

www.ArmenianHistory.info

This document was created with Win2PDF available at <http://www.win2pdf.com>.
The unregistered version of Win2PDF is for evaluation or non-commercial use only.
This page will not be added after purchasing Win2PDF.